

A Revolução Federalista de 1893 no Rio Grande do Sul a partir da perspectiva de um soldado cearense:

cotidiano, violência e resistências

Gustavo Figueira Andrade¹

Resumo: Este artigo faz parte das pesquisas desenvolvidas pelo autor no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria e foi desenvolvido com apoio de bolsa CAPES/FAPERGS. Utilizando-se por fonte as memórias de José Carvalho Lima, autor de *Narrativas Militares: a revolução do Rio Grande do Sul*, um soldado cearense que serviu no 11º Batalhão de Infantaria, deslocado logo após o começo da Revolução Federalista de 1893 para o estado do Rio Grande do Sul, permanecendo por algum tempo na cidade de Bagé, o objetivo consiste em compreender o cotidiano dos soldados, as dificuldades enfrentadas e as formas de resistências empregadas durante este o período em que estiveram nesta cidade, em meio ao contexto de violência. Para tal buscou-se cruzar as informações apresentadas com jornais contemporâneos, adotando para a análise o conceito de memória conforme exposto por Michel Pollak (1992), segundo o qual esta é constituída por “acontecimentos, personagens e lugares”, elementos que possibilitam compreender os posicionamentos do autor, a importância dos personagens e dos lugares para a estruturação e a própria seletividade da memória. Com isso, além de dar voz a personagens antes esquecidos pelas grandes narrativas, o artigo apresenta a amplitude e complexidade que envolveu esse conflito para além do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Revolução Federalista. Memórias. Resistências. Cerco de Bagé. Cotidiano.

Abstract: This article is part of the research developed by the author in the Graduate Program in History at the Federal University of Santa Maria and was developed with the support of a CAPES / FAPERGS scholarship. Using as source the memories of José Carvalho Lima, author of *Military Narratives: the Rio Grande do Sul revolution*, a soldier from Ceará who served in the 11th Infantry Battalion, displaced shortly after the beginning of the Federalist Revolution of 1893 to the state of Rio Grande do Sul, staying in the city of Bagé for some time, the objective is to understand the daily lives of soldiers, the difficulties faced and the forms of resistance employed during this period in which they were in this city, amidst the context of violence. To this end, we sought to cross-check the information presented with contemporary newspapers, adopting for the analysis the concept of memory as exposed by Michel Pollak (1992), according to which it consists of “events, characters and places”, elements that make it possible to understand the author's positions, the importance of characters and places for structuring and the very selectivity of memory. With this, in addition to giving voice to characters previously forgotten by the great narratives, the article presents the breadth and complexity that involved this conflict beyond Rio Grande do Sul.

Keywords: Federalist Revolution. Memories; Resistances; Siege of Bagé; Daily.

¹ Mestre e doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria pela Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista CAPES/FAPERGS; Bolsa Capes pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (Edital nº 041/2018), na Universidade Nacional de Mar del Plata. E-mail: figueirandrade@gmail.com.

The Federalist Revolution of 1893 in Rio Grande do Sul from the perspective of a soldier from Ceará: everyday life, violence and resistance

Introdução

Os estudos acerca da Revolução Federalista no âmbito da História Militar no Rio Grande do Sul estiveram por muito tempo influenciados por uma perspectiva² tradicional de história. Eram obras muitas vezes voltadas a narrativa dos eventos, valorizava heróis de um ou outro lado da contenda, reforçando uma versão historiográfica desenvolvida pelos vencedores do conflito que associava os federalistas a restauradores, bandidos e ao elemento estrangeiro, contrapostos por uma atuação heroica do Exército Brasileiro na defesa da nascente República. Muitas destas obras foram produzidas em um contexto em que os Programas de Pós-Graduação ainda estavam sendo organizados no Rio Grande do Sul, portanto, predominavam trabalhos com uma perspectiva caráter não acadêmico.

Na década de 1990, foram produzidos muitos trabalhos acerca da Revolução Federalista no Rio Grande do Sul, trabalhos que produziram novas matrizes interpretativas acerca do conflito em grande maioria no campo da história política, com uma perspectiva de análise mais abrangente e de inter-relação do econômico, social e cultural (PICCOLO, 1993; FRANCO, 1993; SOUZA, 1993; ALVES, 1993; POSSAMAI, 1993; FLORES, 1993; RECKZIEGEL, 1999).

Dentre os trabalhos mais recentes que se dedicam ao estudo de personagens que lutaram nesse conflito, possibilitando uma compreensão mais ampla do conflito, citamos o trabalho de Marcelo França de Oliveira (2014), *A trincheira discursiva: escritos políticos de Angelo Dourado em livros e na imprensa rio-grandina na formação do Rio Grande do Sul republicano (1893-1905) – usos e possibilidades para a pesquisa e o ensino de história no ensino superior*, estudo no qual realiza um estudo sobre os discursos feitos por Ângelo Dourado, em especial a obra *Voluntários do Martírio* (1896). Através da análise desta obra relevante para compreender as dificuldades e privações enfrentadas durante o conflito, Marcelo Oliveira (2014) se dedica a compreender os posicionamentos políticos de Angelo Dourado através de seus discursos durante os primeiros anos da República no Rio Grande do Sul, bem como durante a Revolução Federalista de 1893.

² Como exemplo, citamos alguns trabalhos desenvolvidos pela Academia de Historiografia Militar Terrestre do Brasil, dentre elas: BENTO, Claudio Moreira. A Revolução de 93 e a arte militar. **Anais do III Simpósio Fontes para a História da Revolução de 1893**. Bagé: EDIURCAMP, 1993. TABORDA, Átila. O Sítio de Bagé: 1893-1894. **Revista Militar Brasileira**. v. 93, n.1, p. 73-87, jan./mar. 1970.

Carlos Perrone Jobim Junior (2014) em sua tese de doutorado, sob o título de *A vida mal vivida: um estudo sobre o diário do soldado Isidoro Virgínio (1889-1898)*, na qual realizou um estudo sobre o diário pessoal de Isidoro Virgínio, de acordo com a autora, um personagem de poucas posses materiais, dentre as diversas atividades que, desempenhou, foi soldado e deixou importantes relatos escritos sobre a Revolução Federalista de 1893, dentre outros episódios referentes aos primeiros anos da República no Brasil.

Aristeu Elisandro Machado Lopes (2013), utilizando por fontes fotografias contemporâneas aos eventos, escreveu *Bagé sitiada: fotografia e memória da Revolução Federalista de 1893 no sul do Rio Grande do Sul*, utilizando-se de fotografias e jornais contemporâneos ao conflito, abordando o contexto da eclosão do conflito e a cidade de Bagé neste contexto, ressalta a atuação de José Grecco, fotógrafo que registrou imagens da cidade, das forças que a defendiam assim como as forças federalistas, apresenta importante análise que permite compreender o contexto social na cidade de Bagé após a retirada federalista, principalmente em razão do prolongado cerco que a cidade sofreu durante esta guerra-civil.

Entretanto, ainda são poucos os trabalhos que se dedicam a compreender os subalternos, os comandados, os que estavam nas linhas de frente dos exércitos está associada ao retorno do indivíduo e a importância destes para compreensão do processo histórico teve repercussões em diversos campos da História, especialmente no âmbito da História Política, criando oportunidades para a realização de trabalhos que têm focado em uma visão social da guerra³.

³ Sobre os novos estudos que estão sendo produzidos acerca desta temática ver: ANDRADE, Gustavo Figueira. **A trajetória política do General João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares):** família, comunicação e fronteira. Dissertação (Mestrado História). Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em História, UFSM, 2017. COMISSOLI, Adriano. **A serviço de Sua Majestade:** administração, elite e poderes no extremo meridional brasileiro (1808c.-1831c.). Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. DOBKE, Pablo Rodrigues. **Caudilhismo, território e relações sociais de poder: o caso de Aparício Saraiva na região fronteiriça entre Brasil e Uruguai (1896-1904).** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015. FÉRTIG, André. **Clientelismo político em tempos belicosos:** a Guarda Nacional da Província no Rio Grande do Sul na defesa do Império do Brasil (1850-1873). Santa Maria: Editora da UFSM, 2010. RIBEIRO, José Iran. **Quando o serviço nos chama.** Os Milicianos e os Guarda Nacionais gaúchos (1825-1845). Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 2001. LIRA, Clarice. **O Piauí em Tempos de Segunda Guerra.** Mobilização Local e as Experiências do Contingente Piauiense da FEB. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí. Teresina: UFPI, 2008. MUGGE, Miquéias. **Eles estão prontos a contribuir:** guardas nacionais, hierarquias sociais e cidadania, Província do Rio Grande do Sul – segunda metade do século XIX. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale dos Sinos. São Leopoldo: UNISINOS, 2012. LOPES, Aristeu Elisandro Machado. *Bagé sitiada: fotografia e memória da Revolução Federalista de 1893 no sul do Rio Grande do Sul.* **ANAIS - 7º SIMP - Seminário Internacional em Memória e Patrimônio**, Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural- PPGMP – UFPel, 2013, p.172-180.

Desse modo procura-se abandonar uma perspectiva mais tradicional, de uma história-batalha, nas quais os grandes nomes ganhavam o papel de destaque. Ao desvencilhar-se dessa visão, Nuno Teixeira (1995) afirmou que dentre os objetivos buscados nos novos estudos relacionados a História Militar, estão, principalmente o de “(...) voltar suas atenções para o estudo da instituição militar como corpo social, procurando determinar a sua composição, funcionamento e fatores de evolução, enfim, uma história social dos exércitos” (TEIXEIRA, 1995, p. 93). As novas abordagens⁴ no âmbito da História Militar procuram relacionar o que antes ficava restrito à caserna ao social, entendendo os militares enquanto sujeitos que representam importantes aspectos da cultura, economia e da política de uma sociedade na qual os indivíduos estão.

Nesse sentido, a partir das memórias de José de Carvalho Lima, objetiva-se compreender o contexto em que atuavam e a realidade social, as dificuldades enfrentadas, as negociações com seus superiores e as diversas formas de resistência em um contexto de guerra civil. Isso permitirá uma maior compreensão da participação destes contingentes do resto do Brasil que lutaram nas pradarias meridionais, reforçando as hipóteses de que este não foi um conflito apenas no âmbito das elites, lutado por grandes estanceiros, peões de estância e população rural, mas que mobilizou, envolveu e afetou diversos setores da sociedade brasileira para além dos estados do sul do país no final do século XIX. Tal contribuição eleva um debate que por muito tempo esteve atrelado a questões da historiografia desenvolvida no Rio Grande do Sul para contribuir com uma visão que permita entender o conflito a partir de perspectiva nacional em meio a um contexto de adaptação às novas estruturas republicanas.

O contexto

Após a proclamação da República, em meio a reorganização do Estado brasileiro às novas instituições republicanas, foi período de conturbada de crise social, econômica e política em âmbito nacional, como, por exemplo, a crise do Encilhamento (REVERBEL, 2014). Juntamente a um processo de rearranjo das forças políticas nos Estados, muitos dos governadores foram nomeados ou mesmos depostos, alteravam-se as normas que acordavam o acesso, participação e representação dos interesses das elites locais nos mecanismos do poder estatal no novo regime, especificamente aqui nos referimos ao caso de diversos

⁴ Os estudos no âmbito da História Militar passaram por diversas transformações desde a década de 1980 e 1990, a partir das quais tem se buscado uma aproximação interdisciplinar com outras áreas do conhecimento, levando a uma ampliação das perspectivas e abordagens na História Militar (CASTRO; IZECKSOHN; KRAAY, 2004, p.23-25).

segmentos da elite liberal e republicana dissidente do Rio Grande do Sul (FRANCO, 2007; FÉLIX, 1996; RECKZIEGEL, 1999, 2007; PADOIN, 2005; COSTA, 2006; TARGA, 2003, 2008; AXT, 2007; ROSSATO, 2014; REVERBEL, 2014; ANDRADE, 2017).

Esta velha nova realidade, criou uma conjuntura que fomentou movimentos contestatórios à nova ordenação política, ao autoritarismo que revestiu os dois primeiros governos militares sob a tutela do Marechal Manoel Deodoro da Fonseca e de Floriano Peixoto, colocando-se em oposição a essa exclusão de forças políticas que perderam o acesso ao poder que desfrutavam durante a Monarquia no Brasil. Diversos movimentos armados passaram a ocorrer pelo país, dentre os quais, citamos as Revoltas da Armada em 1891 e em 1893 e a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul (PESAVENTO, 1983), conflitos que favoreceram a articulação das lideranças da armada e força de dissidentes e opositoristas Sul-Rio-grandenses, também tiveram uma abrangência a outros estados brasileiros. Enquanto o Rio Grande do Sul vivia um contexto de guerra civil a partir de 1891, grupos políticos dos estados brasileiros de Paraná, Santa Catarina, (SÊGA, 2003; LUNARDI, 2009), Pernambuco e Mato Grosso ameaçavam conflagrar-se e resistência ao governo do presidente Marechal Floriano Peixoto, passaram a identificar-se com a Revolução empreendida pela oposição Liberal-Federalista Sul-rio-grandense, tornando-se simpatizantes/colaboradores dos revolucionários, vindo a apoiar financeiramente o movimento armado no Sul⁵.

No Rio Grande do Sul, ocorreu forte instabilidade e crise política, cuja maior expressão foi a sucessão de governos de curta duração alcunhado pejorativamente de “Governicho” (FRANCO, 1993; 1996). Quanto ao aspecto da economia, a Campanha sul-rio-grandense, que durante a Monarquia no Brasil havia recebido benefícios por parte do governo, principalmente graças à defesa dos interesses das elites dessa região por seus representantes, como, por exemplo, a de possuir uma estrada de ferro que ligava as principais cidades desta região e sua produção ao porto de Rio Grande, sofreu os efeitos Proclamação da República. Durante os primeiros anos da república, um dos principais golpes sofridos foi a busca pelos governos do Brasil e Uruguai em aumentar sua presença nas fronteiras, rompendo com os

⁵ Muito tem se descoberto acerca deste apoio aos revolucionários durante o período da Revolução Federalista, especificamente, referimo-nos ao apoio de monarquistas do restante do Brasil que viram neste conflito, uma oportunidade de desestabilizar o novo regime, derrubar o presidente da República e provocar um retorno a Monarquia. Este movimento de articulação a arrecadação de fundos para manter a revolução teve dentre os principais articuladores, personalidades, tais como, Gaspar Silveira Martins, Luis Felipe Saldanha da Gama, Francisco e Joaquim da Silva Tavares. Alguns dos estudos que vem sendo desenvolvidos nesse sentido: ROSSATO, Mônica. **Relações de poder na região fronteira platina: Família, trajetória e atuação política de Gaspar Silveira Martins**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. ANDRADE, Gustavo Figueira. **A trajetória política do General João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares): família, comunicação e fronteira**. Dissertação (Mestrado História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

privilégios gozados durante o período Imperial, passando a uma política de repressão ao contrabando na fronteira e (CHASTEEN, 2003, FÉLIX, 1996). No Rio Grande do Sul, a política de combate a esse comércio ilícito na fronteira empreendida por Júlio de Castilhos estaria associada a necessidade de apoio de setores comerciantes de outras zonas do estado, e das constantes pressões que faziam “para proteger o comércio rio-grandense da concorrência desigual com o Prata” (SOUZA, 1993, p. 32; FLORES, 1993).

No âmbito político, os meses que antecedem a eclosão da Revolução, ainda em 1893, especificamente a cidade de Bagé, neste contexto do final do século XIX, era um dos mais importantes centros urbanos fronteiriços da fronteira meridional do Brasil (CHASTEEN, 2003). Situada próxima à estrada que ligava o Brasil ao Uruguai, a cidade contava em 1890 com uma população de cerca de doze mil habitantes⁶, com fortes influências militares, Bagé contava com uma estação ferroviária inaugurada em 1884, uma das primeiras do Rio Grande do Sul, que à ligava a cidade de Rio Grande. Contava com uma vida cultural intensa, possuía um forte comércio urbano e assistia o surgimento de pequenas indústrias construídas por estes imigrantes⁷ de distintas nacionalidades (REIS, 1911; SALIS, 1955).

Esta cidade passava por um período de fortes tensões e acirramento dos ânimos. Essa situação, de acordo com John Chasteen, chegou a tal ponto, que “uma briga qualquer em um baile nos subúrbios da cidade podia causar a mobilização da guarnição, que ficava em pânico, pois ninguém ignorava que a maior parte da população da cidade estava do lado dos federalistas” (2003, p.56). Este contexto deve-se ao fato de que, após o golpe efetuado pelo Partido Republicano Rio-Grandense de Júlio de Castilhos em 1892, o General João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares) que era o segundo vice-presidente do Rio Grande do Sul, membro do Partido Federalista, recebeu das mãos do governador, então deposto, José Antônio Correia da Câmara, Visconde de Pelotas, o governo do estado, tornando Bagé sede do governo por breves dias.

Na tentativa de resistir, acusando Júlio de Castilhos e Vitorino Monteiro de perpetraram um golpe de estado, o General Joca Tavares passou a reunir forças, oposicionistas e federalistas, muitos dos quais haviam ocupado importantes cargos políticos e militares durante o Período Imperial no Brasil, reuniram-se no intuito de resistir às forças do

⁶ **RECENSEAMENTO** Geral do Império do Brasil de 1872. Diretoria Geral de Estatística. Typografia Comercial, Rio de Janeiro, 1876.

⁷ **RECENSEAMENTO** Geral do Império do Brasil de 1872. Diretoria Geral de Estatística. Typografia Comercial, Rio de Janeiro, 1876. Durante a segunda metade do século XIX, a cidade de Bagé era um polo de atração de imigrantes de diversas origens, como, por exemplo, um expressiva presença de Italianos, inclusive pioneiros na construção da primeira Sociedade Italiana de Socorros Mútuos do Rio Grande do Sul, datada de 1870, além de espanhóis, portugueses, franceses, alemães e uruguaios.

Partido Republicano Rio-grandense (ANDRADE,2017). Nesse contexto, o Exército Brasileiro, por ordens de Floriano Peixoto, em acordo com Júlio de Castilhos, quebraram o princípio de não intervenção federal em questões internas dos estados, previsto pela Constituição de 1891, interveio em favor de Castilhos.

Forças federais comandadas por militares alinhados com os ideais Castilhistas, muitos destes confessadamente simpáticos ao castilhismo e ao Positivismo, opunham-se ao liberalismo e ao parlamentarismo representado por Gaspar Silveira Martins, acusavam os federalistas de monarquistas e restauradores (RODRÍGUEZ, 1980; COSTA, 2006; ROSSATO; PADOIN, 2016; REVERBEL, 2014). Aliados a estas forças, batalhões patrióticos organizados por Castilhos e composto por forças civis em armas, marcharam para Bagé e obtiveram a rendição de João Nunes da Silva Tavares ainda em 1892.

Após sua rendição e a posterior fuga da maioria dos líderes federalistas para a República Oriental do Uruguai, juntamente com suas forças militares, as forças legalistas permaneceram ocupando e controlando da cidade até a pacificação da guerra-civil.

Iniciada a Revolução Federalistas com a invasão de forças a partir do Uruguai em fevereiro de 1893, forças sob o comando do General Joca Tavares e Gumercindo Saraiva invadem por diversos pontos da fronteira, vindos do Uruguai. Este conflito faz “parte de um contexto maior, não sendo um evento eminentemente ocorrido no Rio Grande do Sul e deve ser entendido como parte da complicada conjuntura da consolidação da República no Brasil” (PINTO, 1993, p.59). Um conturbado cenário político e social que tomou conta do país, articulou-se com a Revolta da Armada (1893-1894), estendeu-se aos estados brasileiros de Santa Catarina e Paraná, também contou com apoio de antigos monarquistas para sustentar economicamente o esforço bélico. Com o fundamental apoio velado por parte dos governos da Argentina e Uruguai à causa dos federalistas teve uma abrangência internacional e assumiu caráter separatista.

Nesse contexto, o presidente Floriano Peixoto deslocou contingentes do exército de outros estados brasileiros para lutar contra os federalistas no Rio Grande do Sul, dentre estas forças estava o 11º Batalhão de Infantaria vindo do Ceará, no qual serviu José de Carvalho Lima. Este foi deslocado para a cidade de Bagé, epicentro dos eventos, logo após o começo da contenda, permanecendo até os meses que antecedem o cerco⁸ imposto a essa cidade pelos

⁸ Um dos períodos de maior destaque durante a Revolução Federalista, ocorrido entre o final do mês de novembro de 1893 a janeiro de 1894, momento em a cidade de Bagé foi submetida a um cerco de 46 dias, presenciando um dos mais renomados combates ocorridos durante o conflito e teve repercussão na imprensa nacional e estrangeira, em periódicos contemporâneos ao evento, como, por exemplo: os jornais brasileiros O Paiz, A Federação; os jornais argentinos: La Prensa, El Argentino; e no Uruguai, o jornal Deber Cívico. A perda

federalistas. Com o objetivo de manter importantes pontos estratégicos junto à fronteira com o Uruguai, dentre elas a cidade de Bagé, e assim, impedir que a cidade fosse retomada pelos federalistas e é nesse conturbado contexto que Carvalho Lima chega ao Rio Grande do Sul.

As memórias de José de Carvalho Lima acerca da Revolução Federalista

Para analisar as memórias de José de Carvalho Lima partimos de um entendimento de memória, tal como o compreende Joel Candau, segundo o qual, está é “uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: ‘memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo’” (CANDAU, 2012, p.9). A pertinência de tal decorre do fato de que muitas obras fac-símiles, com o intuito de registrar suas memórias, muitos de seus autores tinham suas afiliações políticas e, por mais que declarassem que suas memórias teriam a pretensão de relatar a verdade sobre os acontecimentos, estavam impregnadas de sua visão de mundo.

Estas obras trazem nas entrelinhas um discurso e posicionamentos políticos, ainda que velados por seus autores, apresentam as preocupações e os problemas do presente em que foram escritas as memórias, o qual não é mais o mesmo de quando ocorreram os eventos, caracterizando uma diferença temporal, ou seja, marcando a existência de um hiato entre o evento ocorrido e o narrado. As memórias e as escritas de si estão sob efeito da seletividade e transitando na tênue linha do que deve ser dito e lembrado e o que deve ser esquecido, das conveniências sociais e políticas, da ressignificação dos eventos, de modo que, conforme Candau (2012), estariam sendo constantemente reconstruídas e atualizadas. Sobre tal questão, Angela de Castro Gomes (2004) alerta para o fato de que:

A escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua verdade”. [...] O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento (GOMES, 2004, p. 14-15).

desta cidade para os federalistas representaria grave revés às forças legalistas dado o peso simbólico que possuía, poderia incentivar a adesão aos movimento revolucionário. Por outro lado, significaria perder importante cidade próxima a linha da fronteira, o que permitiria ao inimigo o maior acesso a ela, abriria a oportunidade aos adversários de estabelecer uma capital e um governo provisório, de modo que pudesse reivindicar o reconhecimento internacional de seu estado de beligerantes, e assim, acessar empréstimos e comprar armamentos com maior facilidade para manter a Revolução.

Outro autor que traz importantes aportes para a análise das obras realizadas por memorialistas é Michel Pollak (1992) ao referir-se a memória, pois estabelece três critérios para a formação da memória individual ou mesmo coletiva, afirmando que esta é constituída por “acontecimentos, personagens e lugares” (POLLAK, 1992, p.3), possibilitando que compreendamos os posicionamentos dos memorialistas e a importância dos personagens, dos lugares para a estruturação e a própria seletividade da memória.

Neste sentido, compreenderemos estas memórias como escritas de si, como um processo de representação simbólica do sujeito, importantes meio para entender o indivíduo e suas experiências vividas, a sociedade e a cultura de uma época (GOMES, 2004). Portanto, ao narrarmos os acontecimentos, as atuações de alguns personagens durante o conflito e a descrição de lugares em que ocorreram os eventos, procuraremos construir uma visão do que teria sido o cotidiano dos soldados e da população civil marcado pela violência e pela privação que marcaram a Revolução Federalista.

Passados onze anos do término da Revolução Federalista de 1893, Carvalho Lima escreve suas memórias, segundo o autor, “sem preocupação de forma, visando apenas a divulgação de certos fatos” (LIMA, 2009, p.13). Embora contasse com 17 anos quando vivenciou os eventos, claramente influenciado pelo entendimento do papel da História no período, o autor procura muito mais que narrar “fatos”, mas realizar uma descrição dos eventos que possibilitaria compreender o papel das memórias como elemento capaz de “influenciar largamente a interpretação que as gerações seguintes fizeram desse período” (CANDAUI, 2012, p. 166).

A descrição de lugares em suas memórias ganha destaque, principalmente das cidades pelas quais o autor percorreu durante a marcha de seu batalhão, evidenciando a importância dos lugares de memória, “lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico”(POLLAK, 1992, p.2).As cidades pelas quais seu batalhão passou, desde a chegada no porto de Rio Grande até seu trajeto até a frente de combate, eram as de Rio Grande, Pelotas e por fim, a cidade de Bagé, descritas com riquezas de detalhes. Algumas de suas impressões merecem destaque, como por exemplo, as sobre Pelotas, ao afirmar que esta cidade “foi para nós uma espécie de Éden ou cidade ideal. Mais tarde, na tormenta dos combates, no cansaço das grandes e extenuantes jornadas (...) seu nome era evocado com saudade e saltava aos lábios com os mesmos sedutores atrativos (...)” (LIMA, 2009, p.25).

Saindo de Fortaleza, no Ceará, o 11º Batalhão de Infantaria, transportado foi por navio, com passagem pelo Rio de Janeiro, teve destino o Rio Grande do Sul, chegou ao porto de Rio Grande em 1º de abril de 1893, embarcando novamente, na mesma tarde, dirigiu-se ao porto de Pelotas. O autor manifesta seu espanto com a rapidez com que foi feito o deslocamento, teria sido rápido para os padrões da época, principalmente dada a extensão territorial da costa brasileira, pois segundo ele, “esta viagem expressa de 52 horas, a mais rápida até então feita” (LIMA, 2009, p.21).

Em junho do mesmo ano, após seu batalhão passar dois meses na cidade de Pelotas, recebe ordens de partir para Bagé. O transporte ocorreu por meio da estrada de ferro, ao qual Carvalho Lima define como “longa e penosa viagem de comboio”, e a alimentação constituiu-se de “pequenos goles, ferventes de sopa de macarrão” (LIMA, 2009, p.38).

As dificuldades enfrentadas pela soldadesca no período da contenda tornam-se evidentes nas narrativas do autor. Ao chegar em Bagé, descreve a penosa situação que se encontravam as forças do exército que haviam chegado dias antes “quase em nudez completa” (p.38). As impressões sobre a cidade destoam das inicialmente descritas sobre Pelotas, pois a proximidade com o Uruguai, fazia com que a cidade se diferenciasse em quase tudo das que havia conhecido, guarnecida nesse período por aproximadamente 9 diferentes contingentes militares tanto de infantaria, cavalaria, artilharia quanto engenharia além de forças de voluntários civis.

As descrições do autor reforçam a ideia de que Bagé seria um ponto estratégico de grande valor, tanto para os legalistas quanto para os federalistas, fosse pela sua posição geográfica próxima à fronteira, ligada ao porto de Rio Grande por estrada de ferro, quanto simbólico. No que tange ao elemento simbólico que representaria a cidade nas disputas políticas do período, é fundamental elucidar que além de esta ser, de acordo com o próprio Carvalho Lima, uma cidade em sua maioria adepta do federalismo, também foi o local no qual foi fundado o Partido Federalista em 1892, marcando a união de antigos liberais, representado por Gaspar Silveira Martins, e conservadores, na figura do General João Nunes da Silva Tavares, importantes próceres dos tempos do Império no Brasil, ambos com familiares residentes em Bagé.

No que diz respeito ao cotidiano dos soldados aquartelados na praça da matriz, é possível compreender a rotina desses soldados que defendiam essa praça através dos relatos de Carvalho Lima. O autor descreve que “durante toda noite um batalhão fazia prontidão nas trincheiras, revezando-se por companhias” (LIMA, 2009, p.41). Após alguns dias de

permanência na cidade e partindo pela fronteira em busca do inimigo, encontram os federalistas onde ocorre o combate da Serrilhada, sofreram derrota, logo retiraram-se novamente para Bagé.

Estes soldados conheceram da pior maneira as pradarias da campanha Sul Rio-grandenses, em meio a inverno chuvoso e frio, tiveram de enfrentar a natureza da guerra à gaúcha, uma guerra de movimentos rápidos, geralmente a cavalo, conduzida por indivíduos que eram exímios conhecedores do terreno onde atuavam, onde forças em menor número enfrentam forças mais numerosas e melhor organizadas, no entanto evitando oferecer combate direto, procurando extenuar o moral, os recursos do inimigo ou sabotar seus recursos estratégicos. Uma forma de combate terrível para forças de infantaria, causando-lhe desgaste, especialmente às de infantaria, devido ao fato de o inimigo evitar combates diretos, quando as forças chegavam a uma localidade, o adversário poderia já ter partido em outra direção e atacar com escaramuças a qualquer momento, mantendo um estado de tensão constante do inimigo. Era uma forma de combate distinta daquela conhecida pelos soldados de outras partes do Brasil, especialmente pelo alto grau de violência dos combates que caracterizaram esta guerra civil, aumentavam, aumentava a pressão e pânico que possivelmente abatia esses soldados, dado receio de cair prisioneiro e correr o risco de serem degolados

As questões que envolviam a saúde destes soldados não era das melhores para estes soldados, especialmente num período de guerra civil, dificuldades de reabastecimento logístico às forças do exército em Bagé, principalmente devido a estratégia de combate federalista de explodir pontes que ligavam a cidade de Bagé as de Pelotas e Rio Grande, além de danificar o telégrafo, impedindo sua comunicação com o restante das forças legalistas e envio de suprimentos.

Acerca das enfermidades que acometiam estes soldados e das dificuldades para que recebessem tratamento médico, pode ser percebida na narrativa José de Carvalho Lima, narrar que grande parte do batalhão havia sido encaminhada ao hospital militar de Bagé, o qual comandado por um alferes e um sargento e mais descrito como um local e dividido em três dependências: farmácia, enfermaria e cozinha, o hospital é descrito pelo autor como sendo

Instalado numa boa casa família e péssima para o fim a que se destinava (...) estava aparelhado para receber e deixar morrer a míngua, trinta enfermos, pois tantas seriam as tarimbas que ali se viam, com seus travesseiros de madeira e suas colchas de lã encarnada com barra preta, ocultando a falta de colchões de que todas as tarimbas se ressentiam (LIMA, 2009, p.51).

Através dessa descrição podemos compreender um pouco mais sobre as condições de saúde a que estavam submetidos os soldados, as dificuldades da vida na caserna, também enfrentavam o frio e a fome, muitas vezes alimentando-se com pão e açúcar apenas, podem evidenciar as deficiências de uma rede logística afetada pelos federalistas. Este hospital foi, posteriormente, devido ao acirramento dos combates e estabelecimento de um cerco pelos federalistas, transferido para o interior da Igreja de São Sebastião de Bagé, local onde eram atendidos soldados e servia como proteção durante este período.

A farmácia do hospital militar apresentava deficiências e muitos medicamentos acabavam sendo improvisados. O grande número de militares internados e o espaço limitado resultavam em falta de alojamento. Muitos soldados foram alojados no porão do hospital, em condições insalubres, acomodados no chão “com o que tinham em campanha, fazendo cama do inseparável capote e de uma pedra como travesseiro” (LIMA, 2009, p.52), essa enfermaria improvisada era chamada segundo o autor, “Salão da Brisa” devido à falta de alimentos para os doentes.

Segundo relatos de uma entrevista realizada com um comerciante que esteve na cidade durante os acontecimentos, publicada no jornal *Diário Popular* em 3 de fevereiro de 1894, da cidade de Pelotas, RS, as provisões que dispunham no início do cerco, embora sem números exatos de sua quantidade, era de uma pequena tropa, fardos de charque, “sacos de bolacha e farinha entre outros” (p. 1). Além de ter que alimentar os soldados que defendiam a cidade, tiveram que alimentar os civis que procuraram refúgio entre os militares, levando em consideração outro aspecto, que foi a constante sabotagem do telégrafo e da ferrovia Bagé/Pelotas, dificultando a logística e a comunicação dos sitiados para que solicitassem suprimentos.

Outro fator narrado pelo autor, diz respeito ao rigoroso frio da campanha gaúcha. Nesse sentido Carvalho Lima (2009) descreve o cotidiano de serviço de guarda afirmando que o serviço mais temido era o de guarda de prontidão durante a noite, era um “serviço feito a pé firme nas trincheiras, sob um frio de rachar” (p.57). Deste serviço, apenas os doentes que baixavam no hospital eram dispensados do serviço e, neste sentido, como forma de procurar resistir “nos dias de maior frio, quando nos achávamos de guarda, impedidos assim de sair, era um pouco de cachaça ou de guaco que nos ativava a circulação do sangue” (p.56). Por outro lado podemos observar que no jornal da época *Cidade do Rio* (1893) destaca as dificuldades que enfrentavam esses soldados, principalmente os vindo de fora do Rio Grande do Sul, dentre eles cariocas e cearenses, estranhando as intempéries, segundo o jornal *Cidade*

do Rio, de 5 de abril de 1893, “o contingente do 31º tem enorme quantidade de doentes no hospital por haverem estranhado o clima” (p.1).

Esta citação do jornal carioca acerca do 31º Batalhão também revela mais acerca na origem destes soldados que foram deslocados de outros estados brasileiros para as lutas do sul. Esta força havia sido deslocado de Ouro Preto, estado de Minas Gerais, para combater no Rio Grande do Sul durante a Revolução Federalista, o que explicaria as dificuldades enfrentadas quanto ao clima e as diferenças na alimentação destes soldados. As forças deste batalhão lutaram posteriormente em Canudos e, voltando ao RS, este contingente estabeleceu-se posteriormente na cidade de Pelotas, RS, mudando posteriormente de denominação.

Como forma de resistência a dura rotina a que estavam submetidos, à constante tensão e para resistir ao frio, muito dos soldados recorriam à utilização de bebidas alcoólicas. Importante destacar que, além se ser proibida e constituir crime a ingestão de bebida durante o serviço militar, Carvalho Lima (2009) destaca que os soldados burlavam as ordens e clandestinamente introduziam bebidas entre outros alimentos quando possível. Suas memórias fazem constantes referências a soldados alcoolizados e a vigilância exercida pelos chefes militares no sentido de coibir essa prática. Além disso, evidencia-se uma constante tensão entre os soldados para conseguir algum dinheiro para suprir suas necessidades, podendo ressaltar duas situações: ou havia falta de suprimento desde o período que antecede o cerco, ou o salário pago além de pouco era pago com atraso. O batalhão do qual Carvalho Lima fez parte, permaneceu em Bagé até outubro de 1893, depois partindo para Rio Grande e Porto Alegre, veio posteriormente a combater em outras localidades.

Por outro lado, a análise de suas memórias colocam o indivíduo em evidência como importante elemento para compreensão do processo histórico, mas também envolvem a compreensão que tratam-se de eventos traumáticos que marcaram uma sociedade, por se tratarem de narrativas de pessoais que haviam vivenciado as agruras de uma guerra fratricida e sido marcadas ressentimentos e sofrimentos e que podem ter feito parte do processo constitutivo da memória deste personagem. Tendo em vista ser “a guerra como o exemplo do sofrimento por excelência” (FARGE, 2001, p.18), a presença de emoções perpassa a narrativa de grande parte das memórias do período da Revolução Federalista de 1893 e podem ser entendidas como importante elemento para compreender o processo de formação da memória (FARGE, 2001, p.13).

Se considerarmos o papel do historiador enquanto construtor do passado, não podemos deixar que a fonte seduza o pesquisador, pois ela está carregada de idiossincrasias, trata-se de

uma construção ou mesmo uma representação realizada pelo autor por meio de seus apontamentos. Torna-se preciso destacar que Carvalho Lima, embora não fosse natural do Rio Grande do Sul, pode ter deixado se influenciar pelas paixões partidárias para escrever suas memórias, mas principalmente por ser “sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que *a memória é um fenômeno construído (...)* a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p.4 - 5).

Considerações finais

Procurou-se abordar a amplitude que envolveu esse conflito para além do Rio Grande do Sul, mostrando o potencial mobilizador que a Revolução Federalista teve no período de consolidação da República, buscando desregionalizar a visão que se tem do conflito e permitir pensar sua complexidade e abrangência, além de uma perspectiva que permita compreender o cotidiano, as dificuldades, as resistências e a violência de uma sociedade assolada pela guerra.

Através do presente trabalho procuramos por meio de uma perspectiva que enfoque as condições a que estavam submetidos os soldados que participaram do período que antecedeu o cerco federalista à cidade, sob a visão de um soldado cearense. Os enfoques evidenciam as deficiências de infraestrutura e logísticas, mas ao mesmo tempo a improvisação e a criatividade dos soldados para superar as dificuldades. Por outro lado, as memórias do autor apresentam importantes descrições sobre o hospital militar, os serviços de saúde aos quais se submetiam os soldados, sobre o cotidiano, as dificuldades referente ao serviço de guarda enfrentavam, principalmente os vindos de outras partes do país, desacostumados ao frio e submetidos a alimentação distinta, empreendiam distintas formas de resistência a sua dura rotina. Dessa forma, procurou-se contribuir com a compreensão da importância da atuação de personagens que antes foram esquecidos pelas grandes narrativas, permitindo uma melhor compreensão do período de violências e privações durante a guerra civil de 1893.

Referências

ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique (Org.). **Pensar a Revolução Federalista**. Rio Grande: FURG, 1993.

ANDRADE, Gustavo Figueira. **A trajetória política do General João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares): família, comunicação e fronteira.** Dissertação (Mestrado História). Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em História, UFSM, 2017.

AXT, Gunter. Coronelismo Indomável: o sistema de relações de poder. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (Coord.); RECKZIEGEL, Ana Luiza; AXT, Gunter (Dir.). **República Velha (1889-1930).** Coleção História do Rio Grande do Sul. Tomo I, V.3. Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 89-128.

BENTO, Claudio Moreira. A Revolução de 93 e a arte militar. **Anais do III Simpósio Fontes para a História da Revolução de 1893.** Bagé: EDIURCAMP, 1993.

TABORDA, Átila. O Sítio de Bagé: 1893-1894. **Revista Militar Brasileira.** v. 93, n.1, p. 73-87, jan./mar. 1970.

CANDAU, J. **Memória e identidade social.** São Paulo: Contexto, 2012.

CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik (orgs.). **Nova História Militar Brasileira.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CHASTEEN, John. **Fronteira Rebelde: a vida e a época dos últimos caudilhos gaúchos.** Porto Alegre: Movimento, 2003.

COMISSOLI, Adriano. **A serviço de Sua Majestade: administração, elite e poderes no extremo meridional brasileiro (1808c.-1831c.).** Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

COSTA, Marcus Vinícius. **Nação, contrabando e alianças políticas na fronteira oeste do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX: relações transfronteiriças entre as comunidades de São Francisco de Borja e Santo Tomé (2013).** Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

DOBKE, Pablo Rodrigues. **Caudilhismo, território e relações sociais de poder: o caso de Aparício Saraiva na região fronteiriça entre Brasil e Uruguai (1896-1904).** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, borgismo e cooptação política.** 2. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1996.

FÉRTIG, André. **Clientelismo político em tempos belicosos: a Guarda Nacional da Província no Rio Grande do Sul na defesa do Império do Brasil (1850-1873).** Santa Maria: Editora da UFSM, 2010.

FLORES, Moacyr. (Org.) **1893-95: a Revolução dos maragatos.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Júlio de Castilhos e sua época.** Porto Alegre: UFRGS, 1996.

FRANCO, Sérgio da Costa. O partido federalista. In: GOLIN, T. et al. **República Velha (1889-1930)**. Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 129-170.

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

JOBIM, Carlos Perrone Junior. **A vida mal vivida: um estudo sobre o diário do soldado Isidoro Virgínio (1889-1898)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

LIRA, Clarice. **O Piauí em Tempos de Segunda Guerra. Mobilização Local e as Experiências do Contingente Piauiense da FEB**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí. Teresina: UFPI, 2008.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. Bagé sitiada: fotografia e memória da Revolução Federalista de 1893 no sul do Rio Grande do Sul. **ANAIS - 7º SIMP - Seminário Internacional em Memória e Patrimônio, Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural- PPGMP- UFPel**, 2013, p.172-180.

LIMA, José Carvalho. **Narrativas militares: a Revolução do Rio Grande do Sul**. 2ª Ed. Porto Alegre: Casa dos Livros, 2009.

LUNARDI, Emy Francielly. **Batalha de discursos: o Advento Republicano e a (Re)construção da Política Catarinense nos Jornais Partidários (1889-1898)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MUGGE, Miquéias. **Eles estão prontos a contribuir: guardas nacionais, hierarquias sociais e cidadania, Província do Rio Grande do Sul – segunda metade do século XIX**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale dos Sinos. São Leopoldo: UNISINOS, 2012.

OLIVEIRA Marcelo França de. **A trincheira discursiva: escritos políticos de Angelo Dourado em livros e na imprensa Rio-Grandina na formação do Rio Grande do Sul Republicano (1893-1905) – usos e possibilidades para a pesquisa e o ensino de História no Ensino Superior**. Dissertação (Mestrado em História) – Fundação Universidade do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

PADOIN, Maria Medianeira. República, federalismo e fronteira. **História Unisinos**. São Leopoldo, v. 14, n. 1, p. 49-54. jan./abr. 2010.

PADOIN, Maria Medianeira. O federalismo na propaganda republicana no Rio Grande do Sul: uma retrospectiva histórica. In: AXT, Gunter. et. al. **Júlio de Castilhos e o paradoxo republicano**. Porto Alegre: Nova Prova, p. 97-105, 2005.

ROSSATO, Monica; PADOIN, Maria Medianeira. A trajetória de Gaspar Silveira Martins: relações de poder entre a região fronteira platina e a Europa. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, ano 96, n. 151, p. 139-159, 2016.

PICCOLO, H. I. L. A Revolução Federalista no Rio grande do sul: considerações historiográficas. In: ALVES, F. das N.; TORRES, L. H. (Org.). **Pensar a Revolução Federalista**. Rio Grande: FURG, 1993. p. 65-82.

PINTO, Celi. Os 100 anos da Revolução Federalista: centenário de um discurso. In: POSSAMAI, Z. (Org.). **Revolução Federalista de 1893**. Coleção Cadernos Ponto e Vírgula, n. 3. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1993. p. 57-64.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 01-15, 1992.

POSSAMAI, Zita (Org.). **Revolução Federalista de 1893**. Coleção Cadernos Ponto e Vírgula, n. 3. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1993.

RECKZIEGEL, A. L. S. **A diplomacia marginal**: vinculações políticas entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai (1893-1904). Passo Fundo: UPF, 1999.

RECKZIEGEL, A. L. S. 1893: a Revolução além da fronteira. In: GOLIN, T.; BOEIRA, N. (Org.). **República Velha (1889-1930)**. Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 23-76

REIS, Jorge. **Apontamentos Históricos e Estatísticos de Bagé**. Bagé: Tipografia do Jornal Correio do Povo, 1911.

RECENSEAMENTO Geral do Império do Brasil de 1872. Diretoria Geral de Estatística. Typografia Comercial, Rio de Janeiro, 1876.

REVERBEL, Carlos Eduardo Dieder. **A revolução federalista e o ideário parlamentarista**. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

RIBEIRO, José Iran. **Quando o serviço nos chama. Os Milicianos e os Guarda Nacionais gaúchos (1825-1845)**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 2001.

RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. **Castilhismo**: uma filosofia da república. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980.

ROSSATO, Mônica. **Relações de poder na região fronteira platina: Família, trajetória e atuação política de Gaspar Silveira Martins**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

SALIS, Eurico J. **História de Bagé**. Porto Alegre: Globo, 1955.

SÊGA, Rafael Augustus. **A Revolução Federalista no Paraná e a Rearticulação da Vida Político-administrativa do Estado (1889-1907)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SOUZA, Susana Bleil de. A Fronteira na Revolução de 1893. In: POSSAMAI, Zita (org.). **Revolução Federalista de 1893**. Coleção Cadernos Ponto e Vírgula, n. 3. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1993. p. 25-34.

TEIXEIRA, Nuno Severiano. A História Militar e a Historiografia Contemporânea. **A Defesa Nacional**. Rio de Janeiro, n. 768, p. 83-96, abr.-maio-jun., 1995.

HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL:

Jornal **Cidade do Rio**, Rio de Janeiro, 5 abr.1893, p.1.

Jornal **O Paiz**, Rio de Janeiro, 10 fev.1894, p.2.

Jornal **A Federação**, Porto Alegre, 26 jan. 1894, p.1.

HEMEROTECA DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE PELOTAS:

Jornal **Diário Popular**. Pelotas. 03 fev. 1894, p.1.

Recebido em 05 de janeiro de 2020

Aprovado em 01 de março de 2020